

Posições, competências e funções da tradução literária

Alba Olmi

Pode-se dizer qualquer coisa sobre a inadequação da tradução, e mesmo assim ela permanecerá como um dos empreendimentos mais importantes e merecedores entre os eventos do mundo.

J.W. Goethe

Resumo

Este artigo se propõe a considerar algumas posições teóricas da tradução literária que situam o processo tradutório dentro de um conjunto de competências, objetivos e funções, desmistificando assim o caráter meramente reprodutivo que lhe foi atribuído no passado. Ao mesmo tempo, destaca-se a autonomia da tradução literária e seu papel histórico, político e cultural que propicia o questionamento do cânone ocidental num contexto pós-colonial. Outro aspecto considerado foi o papel relevante da visibilidade do tradutor como mediador cultural.

Palavras-chave: *Tradução literária. Políticas tradutórias. Translation studies. Visibilidade do tradutor.*

Autonomia da tradução literária

Uma das características fundamentais que colocam a teoria da tradução em sintonia com a estética neofenomenológica está na recusa de qualquer posição normativa: não há como estabelecer regras para a tradução literária, assim como não se podem estabelecer regras para a obra de arte. Uma poética normativa da tradução é tão injustificada quanto uma poética normativa da obra literária. Contudo, enquanto na atividade criativa já há bastante tempo deixou-se de impor normas, no campo da tradução subsiste ainda, mesmo em teóricos de reconhecida competência, uma tendência a indicar regras. O próprio Jiri Levy (1963 apud MATTIOLI, 1993, p. 10), ao qual devemos um estudo relevante sobre tradução, assume uma posição normativa, quando afirma que *"lo scopo del lavoro di traduzione è quello di mantenere, cogliere e trasmettere l'opera originale (il suo messaggio), non è mai quello di creare un'opera nuova che non abbia un antecedente. Lo scopo della traduzione è riproduttivo."*

Uma crítica radical às posições teóricas de Levy foi movida por Apel (1997) que considera a posição de Levy viciada pela tentativa contraditória de conciliar uma abordagem de tipo normativo com uma de tipo histórico. A mesma objeção Apel move também a Steiner (1975), embora reconhecendo a importância fundamental de sua obra que, sob certos aspectos, englobaria, contudo, uma série de posições teóricas desvinculadas do contexto histórico ao qual pertencem. Outro ponto fraco, que Apel atribui a Steiner, é o fato de este último, tentando mostrar que a problemática moderna da tradução teria nascido com Schleiermacher, ficar reduzido às teorizações do século XIX e começo do século XX.

De qualquer modo, o objetivo da tradução, na ótica de cunho reprodutivo, se coaduna com uma teoria da tradução já abundantemente superada. Porque é justamente abandonando toda posição normativa que se tenta dar uma nova impostação aos problemas da tradução e ao seu estudo, subtraindo do discurso sobre tradução as frias e secas alternativas de boa/má, fiel/infiel, fiel ao espírito, fiel à forma, fiel ao conteúdo.

Na análise de uma tradução, é preciso que haja uma pluralidade de competências em que se coordenem disciplinas diversas, sem que nenhuma possa pretender a hegemonia, pela multiplicidade de variáveis que ocorrem no processo tradutório.

De fato, a abordagem de caráter normativo-dogmático demonstrou-se insuficiente e inadequada, e a abordagem descritiva, baseada numa concepção substancialmente hermenêutica da tradução, evidencia a impossibilidade de chegar a denominadores comuns, num plano rigorosamente teórico, do processo tradutório como um todo, em sua multiplicidade e estratificação.¹

Essa insatisfação, essa impossibilidade de chegar a um acordo geral, é demonstrada pela progressiva e quase incontrolável multiplicação da pesquisa em tradução, e já existe uma nítida

¹ Os pressupostos metodológicos de Apel contemplam, entre outros aspectos, a abordagem histórico-problemática. O autor trabalha não só com a história da teoria ou com a história da tradução, mas com os aspectos fundamentais do problema nos quais teoria e prática, num plano teórico-cognitivo, podem ser consideradas uma unidade.

diferenciação entre tradutologia (como um setor da lingüística aplicada) e os *Translation Studies*, entendidos como um ramo dos estudos de literatura comparada, nos quais a tradução literária é considerada enquanto texto traduzido, ou texto-alvo (TA).

Há uma tendência, hoje, que reconhece à tradução literária um fórum autônomo, posto que a reivindicação de um espaço específico constitui a reivindicação da especificidade da literatura e das razões de sua complexidade e do seu significado.

Gideon Toury (1984, p. 73-85), alinhado com Lefevere, defende uma teoria descritiva da tradução na linha dos *Descriptive Translation Studies* (DTS) que parte da natureza do objeto chamado tradução literária analisada por diversos ângulos, numa tentativa de determinar se realmente existe um denominador comum às demais abordagens e quais as implicações que o estabelecimento de um objeto ou outro pode ter para seu estudo sistemático. Isso porque esses dois níveis são independentes e se condicionam mutuamente.

Para Toury, o texto literário é toda elocução lingüística que esteja de acordo com um certo número de normas pertinentes a uma certa cultura e que, como resultado, possui um lugar no sistema literário dessa cultura (ou funciona dentro dele). Ele esclarece que é possível aceitar tal definição, embora apenas como hipótese de trabalho, sem cogitar eventuais diferenças de opinião sobre como os textos que possuem um lugar num sistema literário – e suas correspondentes funções literárias – se realizam numa superfície fixa de formas e, como resultado, passam a ter traços estruturais, lingüísticos ou estilísticos próprios, diferenciados do texto não-literário.

Ao assumir esse texto literário e ao submetê-lo a procedimentos tradutórios, tendo em mente uma determinada língua-alvo (LA), não é absolutamente certo que será bem aceito, ou até aceitável, como um legítimo texto literário na cultura receptora, mesmo no caso extremo (e raro) em que o processo tradutório seja ótimo, resultando numa tradução adequada, que reconstrói no meio lingüístico da LA a maior parte ou todos os traços do texto-fonte (TF) em sua ordem hierárquica. Isso significa dizer, de acordo com a definição de Toury de texto literário, que "o produto de um processo tradutório, cujo ponto de partida é um texto literário, não possui, necessária e automaticamente, um lugar e uma função no sistema literário da LA" (TOURY, 1984, p. 75).

Naturalmente, é ainda menos provável que esse produto, embora aceito como texto literário da LA, vá ocupar uma posição paralela no sistema da literatura-alvo, assim como o original correspondente ocupa ou ocupou na literatura-fonte, mesmo que os dois sistemas sejam organizados ao longo de linhas semelhantes em termos de gênero, tendências, escolas, língua, uso, etc., fato que para Toury não pode ser tomado como uma pressuposição. Assim, por exemplo, a tradução de um texto que se localiza num sistema periférico pode acabar encontrando-se no centro da literatura-alvo e vice-versa. A tradução de um livro infantil pode ser aceita como um livro para

adultos (ou vice-versa, como ocorre com mais freqüência), a tradução de um velho poema de estilo antigo pode vir a ser recebida como um texto de vanguarda e assim por diante.

Dessa forma, afirma Toury, a tradução não-literária pode ser produzida não apenas como um texto não-literário na cultura-alvo, mas também como um texto literário, posto que seja reconhecido como obedecendo normas apropriadas e, como resultado, admitido no sistema-alvo. Na verdade, argumenta o autor, isso é muito mais raro do que o caso oposto, especialmente na modernidade, quando os tradutores não-literários são deliberadamente treinados e condicionados para manter a identidade tipológica do TF tanto quanto possível; mas a raridade, por si só, não é uma razão para omitir a possibilidade dessas considerações teórico-metodológicas.

Assim, para Toury, essa não é apenas a função principal, e não será o *status* do TF, nem os procedimentos tradutórios exatos, aos quais o texto é submetido, que determinarão a posição e a identidade do TA como uma tradução e/ou como um certo tipo de tradução, mas antes de mais nada será a constelação da própria cultura-alvo. Além disso, o alcance real do TF, como fator do estabelecimento de sua tradução, dentro de uma certa língua, é também bastante determinado "no" e "pelo" pólo recipiente. Isso significa que a constelação da cultura-alvo (em geral) ou a literatura (em particular) pode funcionar como uma tensão mais fraca ou mais forte do próprio processo da tradução. Enquanto essa constelação é realmente aceita como uma tensão, ela governa a formação e formulação do texto traduzido de acordo com as demandas de espaço que ela está destinada a preencher, por ser transformada, de certa forma, num conjunto de instruções performáticas específicas, isto é, as normas da tradução, no sentido restrito do termo. Para Toury, portanto, as normas da tradução são o fator intermediário "*between the system of potential equivalence relationships and the actual performance, i.e., the reason for the functioning of certain relationships as translation equivalence*" (TOURY, 1981, p. 24).

Toury vê o domínio dos fenômenos interlingüísticos como uma estrutura em tripé que comporta o sistema das relações entre as línguas, a norma da competência tradutória (relações interlingüísticas condicionadas) e o desempenho tradutório.

As normas que governam a formulação de uma tradução numa certa literatura (e língua) podem ser semelhantes ou diferentes daquelas que governam a composição de um texto correspondente nessa literatura. No primeiro caso, a tradução se parecerá muito mais com o original, e os limites entre as duas classes poderão ser até culturalmente (semioticamente) desprezíveis. Nesse caso, que parece ter sido a regra nos velhos tempos, o TF pode vir a desempenhar um papel reduzido no estabelecimento da tradução. No segundo caso, a tradução será diferente do original, por vezes radicalmente, tanto na realização superficial, como também em posição e *status*.

Nesses casos, o TF pode ter desempenhado um papel evolutivo no estabelecimento da tradução e na realização da diferença entre ela e uma composição original na cultura-literatura-alvo, por exemplo, através de mais interferências ou mais importantes interferências de ordem interlingüística e interliterária.

Entretanto, segundo Toury, em nenhuma circunstância dois conjuntos de normas, as do original e as da tradução, podem ser completamente idênticos: porque as normas tradutórias não estão relacionadas somente com a formação e formulação do texto traduzido, que é a fase de [re]composição do processo tradutório, mas também com a inevitável decomposição do TF; com a relevância de certos traços, num certo nível ou níveis, e com a fase crucial da transferência desses traços através dos limites semióticos; portanto, com as relações tradutórias, essas relações observáveis que realmente podem ser percebidas entre o TA e o TF, no final do processo.

Outro argumento de Toury é o que se refere às modificações culturais que ocorrem no tempo: "*posto que a constelação da cultura e da literatura-alvo vão modificando-se no tempo, o mesmo ocorre com as normas tradutórias a elas pertinentes*" (TOURY, 1984, p. 77). Esse fato, acrescenta o autor, tem seus pontos de apoio não só nas re-traduções que se fazem na língua/cultura em jogo, mas também nas velhas, que já existem, o que pode resultar numa mudança de posição (função, identidade funcional) na literatura-alvo, como em qualquer outro texto da LA, mesmo que nenhuma mudança tenha (ou pudesse ter) acontecido no processo que as realizou, ou nas dificuldades sob as quais elas realmente foram produzidas.

Parece evidente que para Toury é a constelação do sistema-alvo, no momento apropriado no tempo, que deve ser tomada como ponto inicial e como fator determinante, e não só qualquer constelação, especialmente se a constelação posterior inclui a compreensão e a reconstrução desses processos, tensões e normas.

A distinção básica que Toury introduz é entre a tradução de textos literários (que resultam em textos na LA de qualquer espécie) e a tradução literária (de TF de toda espécie, que resultam em textos literários aceitos no sistema-alvo). Na opinião do autor, essa distinção corresponde a uma separação mais bem definida entre dois grupos de estudiosos de literatura que afirmam seu interesse pela tradução (ou pelas traduções), de acordo com seu foco de interesse.

O centro de interesse do primeiro desses grupos – dos interessados na tradução (ou traduções) de textos literários – é sem dúvida o TF, e seus proponentes tomam suas traduções apenas como fator subsidiário. Pode-se dizer até que, via de regra, eles estão menos interessados nesses textos por si mesmos do que pelos métodos preferenciais que lhes permitem novas intuições em seus TF, o que estes, de fato, normalmente oferecem.

Para Toury, os que demonstram interesse nas traduções partem do original, e muitas vezes eles tendem a abordar a tradução não como o importante fator literário, cultural – e até semiótico – que ela é, mas

como um mal necessário, um dever de proteger o original, a fim de diminuir o perigo que ameaça o TF.

Apesar da discordância que perpassa o texto, a respeito desse tipo de investigação, o autor reconhece que a abordagem pode somar-se a todas as demais valiosas tentativas e assim contribuir com a melhoria da qualidade de futuras traduções.

O maior interesse do segundo grupo (que no entender de Toury constitui uma absoluta minoria entre os estudiosos de literatura, e é o grupo que ele defende) está voltado para a compreensão e explicação dos fenômenos tradutórios dentro do sistema literário, em seus próprios termos. Assim, esse grupo toma como tópico principal as próprias traduções e, por extensão, o processo real que as produziu, os procedimentos adotados para essa finalidade e as dificuldades sob as quais esses processos se realizaram.

Para esse grupo, o ponto a ser esclarecido não é a que TF os textos analisados correspondem, mas o que são os TA; ou seja, como eles são vistos do ponto de vista intrínseco do sistema-alvo. Assim, constata Toury, "*há muitas coisas que eles podem e, de fato, deveriam fazer e dizer, diante de questões voltadas para o texto-fonte e de questões que se relacionam com o modo pelo qual as relações com o texto-fonte são apreendidas*" (TOURY, 1984, p. 78).

A abordagem do segundo grupo utiliza os TF apenas como meios, para a reconstrução do processo decisório que subjaz ao ato tradutório, para a extração das regras tradutórias nas bases das relações tradicionais existentes e, finalmente, o conceito geral da tradução que subjaz ao *corpus* em questão, que é responsável por essas normas, relações e decisões.

Sobre esse segundo grupo, Toury argumenta que "*os proponentes dessa linha de pensamento a respeito da tradução literária não estão necessariamente desprovidos de interesses práticos (ou educacionais); eles são simplesmente mais realistas, menos idealistas (ou menos normativos)*" (TOURY, 1984, p. 78).

A posição de Toury é evidentemente orientada ao TA e se coaduna com a linha teórica dos *Translation Studies* que serão descritos a seguir.

Translation studies: postulados, desenvolvimento, amplitude

A natureza dos *Translation Studies* é ampla e estruturada, e seus objetivos maiores estão voltados "*à descrição de como se manifestam, no mundo de nossa experiência, o traduzir e as traduções*" e "*ao estabelecimento de princípios gerais através dos quais esses princípios possam ser explicados e previstos*" (HOLMES, 1988).

Esses objetivos, dicotomizados em *descriptive translation studies* (DTS) e *theoretical translation studies* (ThTS) [também *translation theory* (Tth)], revelaram-se de grande estímulo para os estudiosos dos *Translation Studies* que se aliam à *Manipulation School*, embora as

atenções específicas de cada um sigam caminhos diferentes, se bem que complementares.

A ramificação dos *applied translation studies*, *translation aids and translation policy* incluem a didática da tradução, os subsídios teórico-práticos ao tradutor e uma política da tradução. O último setor dos *Translation Studies* aplicados é o do *Translation Criticism*, cuja recomendação maior parece ser a de que o elemento intuitivo seja reduzido ao nível mais aceitável.

Temos assim três campos fundamentais que abarcam a descrição, a teoria e a prática da tradução, imbricadas entre si e complementares. E, quanto aos conceitos-chave, temos história, cultura, ideologia, visibilidade e o poder a eles relacionado. Como relata Bassnett (1996, p. 22):

In the 1970s the key-word in Translation Studies was 'history'. [...] By the 1980s with a rethinking of cultural history and the formation of literary canons well under way, the emphasis shifted to the question of power relations between writers, translators and readers [...]. Now, in the 1990s, drawing upon the work of the past two decades, the key word is 'visibility'. The role of the translator can be reassessed in term of analysing the intervention of the translator in the process of linguistic transfer.

Um dos efeitos mais consistentes da Teoria do Polissistema nos *Translations Studies* foi o de evidenciar o papel central que a tradução literária, no decorrer do tempo, tinha alcançado no polissistema da literatura ocidental. Dessa forma, o fato histórico torna-se uma questão-chave, pois confere à disciplina a prova necessária para estabelecer uma genealogia confiável.

Os estudiosos da tradução passaram a dedicar-se, então, não somente à história da tradução, mas também à história dos tradutores, o que propiciou uma visão do fato de que as culturas possuem a tendência a traduzir de forma diferente, em momentos históricos diferentes.

Outro aspecto que ressaltou dessa nova abordagem é o relacionado ao número de traduções, notadamente maior, quando se trata de culturas em desenvolvimento, em função de sua posição marginal ou periférica. Ulrych (1997) lembra bem, a esse propósito, os países escandinavos no momento atual. Por outro lado, quando determinada cultura encontra-se em expansão colonial/imperialista, ela não adverte essa necessidade; pelo contrário, tende mais a exportar do que a importar cultura. Ulrych recorda aqui a importância da tradução no Renascimento inglês, em forte contraste com o declínio dessa atividade dois séculos depois, quando o Império Britânico estava consolidado.

O aspecto histórico-político-contextual da tradução é bem explicitado por Bassnett e Lefevere (1990), segundo os quais "*Há sempre um contexto no qual a tradução acontece, há sempre uma história da qual o texto emerge e na qual um texto é transposto.*" (MATTHIESSEN, 1931).

Em sua comunicação à Société d'Histoire Littéraire de la France, Yves Chevrel (1997, p. 355-360) lamenta que a França não possua uma grande tradição tradutora, se comparada com a Alemanha e a Itália e, embora reconheça que na Renascença muito foi feito, a França não possui uma versão fundadora da Bíblia como a de Lutero, para os países germânicos, ou a de *King James*, para os países de língua inglesa.

A razão disso, quer me parecer, poderia talvez ser buscada no papel altamente hegemônico desempenhado pela França, em termos literários e políticos, durante um longo período, o que explicaria em parte o percentual quase inexistentes de traduções de obras literárias estrangeiras.²

Octavio Paz (1980, p. 9), amplamente favorável à tradução, argumenta que no âmago de cada civilização renascem as diferenças, e as línguas que utilizamos para a comunicação também nos deixam emparedados e prisioneiros em nosso próprio eu. Isso deveria ter desanimado a prática tradutória, contudo ocorre exatamente o contrário, se traduz cada vez mais, e a razão disso, segundo Paz, é que a tradução suprime as diferenças entre as línguas, por um lado, e por outro as revela em toda sua plenitude: pela tradução passamos a perceber que nossos vizinhos falam e pensam de forma diferente da nossa.

A abordagem histórica evidenciou também que a tradução possui o poder de criar sistemas literários, de acordo com um esquema conhecido na história, modificando e dando nova forma tanto à sociedade como à cultura. Não resta dúvida sobre o fato de que estudar a genealogia da tradução implica a cultura como referente principal, e as pesquisas em andamento revelam claramente o que Bassnett e Lefevere (1990) afirmam a respeito, isto é, que a tradução exerceu uma importante função formativa no desenvolvimento da cultura mundial. Isso prova que a tradução não pode ser estudada fora de seu contexto cultural, evidenciando uma "virada cultural" que nos *Translations Studies* tomou o nome de *cultural turn*.

Um aspecto importante salientado por Ulrych (1997) é o de que, afinal, existem duas óticas opostas no processo tradutório: os tradutores atuam no campo da cultura de origem (LF), porém as traduções se realizam visando a cultura de chegada (LA). Talvez seja por isso que os prefácios/posfácios redigidos pelos tradutores podem fornecer informações essenciais não apenas sobre a postura dos tradutores quanto à tradução, mas também sobre sua forma de abordagem e sobre como a cultura de origem concebe sua atividade.

Outro aspecto de relevância, argumenta Ulrych, é o que se refere à onipresença da ideologia, citando Bassnett em sua introdução à edição de *New Comparison: "Translation, Tradition, Transmission"* (1989) que contém algumas das comunicações do encontro realizado na Universidade de Warwick, em 1988, sobre o tema *Beyond Translation*. Segundo Bassnett, estudar a tradução "é ter consciência dos processos que, em dado momento temporal, dão forma à cultura", não esquecendo que a dimensão ideológica, tão longamente ignorada nas pesquisas

² Apel (1982, cap. 6) relata os dados do *Index* das traduções no mundo inteiro (1981) donde se constata que a França encontra-se praticamente no último lugar, com 42 traduções, superior apenas à Argélia que conta com 13, e ao Camerun, com apenas uma tradução, enquanto a Alemanha ocupa o primeiro lugar com 6558 traduções, segundo relatório da Unesco que inclui também trabalhos de filologia entre as traduções literárias.

dos processos tradutórios, voltou à tona, enriquecendo, dessa forma, nosso conhecimento da história cultural.

A tarefa mediadora do tradutor entre duas realidades está, pois, sujeita/aberta a pressões ideológicas e, portanto, a uma certa forma de poder relacionada com a manipulação, embora essa manipulação possa também ser involuntária, devido ao fato de que a própria linguagem/língua contém/esconde ideologia(s), pois "*somos, ao mesmo tempo, donos e escravos da linguagem*" (BARTHES, 1982).

Uma das opiniões mais recentes dos *Translation Studies* é a que diz respeito ao autor do TF e que se coaduna com a postura pós-moderna sobre a relação autor-leitor. Por essa postura, a obra pode ter vidas diversas, devido às leituras plurais, em que o leitor é desafiado a ler em profundidade. Trata-se de um leitor [ideal] ativo que produz a re-escritura, através de um processo que envolve "*a morte do autor*" (BARTHES, 1988, p. 65-78) quando o leitor é "*dançado pela dança*" (VALERY, 1996), no sentido dado pelas relações existentes entre corpo e espírito, que Barthes vê como uma metáfora capaz de fazer desaparecer a figura do autor do espaço central do texto, dos estudos literários e do pensamento crítico.

A escritura como "forma" passa, pois, a ser o produto de relações; uma escritura que se situa como espaço intervalar movediço, que se apropria das duas margens para buscar novos espaços, novos horizontes. É o endereçamento e a remessa do texto, sim, mas para Babel, o que para Derrida significa que não será endereçado a ninguém por ninguém, devido à multiplicidade e à migração das literaturas, dentro da língua e das línguas, uma migração feita de aliança, de palavras compartilhadas, uma espécie de senha que permite esse trânsito contínuo (DERRIDA, 1986, p. 52)

A leitura realizada pelo leitor ativo envolve também o surgimento do múltiplo, do plurifacetado, das vozes plurais que se confundem, produzindo significâncias plurais nas quais é possível recuperar, via leitura comparativista, as origens, as sementes, "os grãos da voz", no sentido barthesiano, que lhes deram vida.

Esse aspecto múltiplo torna o texto o ponto central do processo. Nesse processo, a leitura passa a apresentar pelo menos duas formas possíveis. Há, pois, pelo menos duas formas de ler: a primeira, pelo reconhecimento-decodificação, isto é, por uma leitura que não desacomoda, uma leitura passiva, improdutiva porque alienada, confortável – redundando apenas no prazer do texto – que, segundo Proust (1989), ao invés de nos despertar para a vida pessoal do espírito, tende a substituir-se a ela; a segunda, pelo reconhecimento-interpretação-compreensão-ampliação. No dizer de Proust, na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar.

É portanto a leitura do desconforto, do trabalho, que solicita um leitor ativo, participante, numa espécie de perda da consciência que envolve um processo de translação, isto é, um processo interior,

³ Em termos de literatura da modernidade e da pós-modernidade, segundo Hutcheon, o que a narrativa - que ela denomina narcísica - faz, ao desnudar seus sistemas ficcionais e lingüísticos para a visão do leitor, é transformar o processo, é fazer da poética parte do prazer compartilhado da leitura, [o que Barthes, bem antes, havia chamado de Texto do Prazer]. Assim, como o autor realiza o mundo de sua imaginação através das palavras, também o leitor - a partir dessas mesmas palavras - produz, em sentido contrário, um universo literário que é tanto sua criação como do escritor. Nisso está o verdadeiro sentido da leitura na modernidade. Construir o sentido é participar de sua construção numa partilha autoconsciente entre autor/leitor, num jogo que enfatiza o processo mais que o produto. A dificuldade, na leitura dos textos da modernidade, pode residir justamente na crescente demanda sobre o leitor. Historicamente propriedade inalienável do autor, o texto, hoje, pelo dinamismo criativo e pelo prazer de infinitas possibilidades interpretativas e, portanto, de infinitas leituras e re-escrituras, permite ao leitor um papel ativo que concretiza o texto e lhe acrescenta inúmeras significâncias. Esse posicionamento pode ser transposto para a tradução, como releitura e re-escritura do texto.

⁴ "Todo texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não-verbal e, em segundo lugar, porque cada signo e cada frase são a tradução de outro signo e de outra frase. Porém, esse raciocínio pode inverter-se sem perder o seu valor: todos os textos são originais, porque cada tradução é diferente. Cada tradução é, até certo ponto, uma criação, constituindo-se assim num texto único." (PAZ, 1980, p. 9, tradução nossa).

⁵ Particularmente nas edições bilíngües, a exigência de alguns editores é de que haja absoluta igualdade de linhas, o que coloca o tradutor numa situação de total constrangimento, posto que as línguas não se "equivaleram" em termos de número de fonemas ou lexemas.

⁶ "Uma tradução fluente é imediatamente identificável e inteligível, 'familiarizada', domesticada', não possui o aspecto desconcertante do estrangeiro, é capaz de dar ao leitor livre 'acesso aos grandes pensamentos', àquilo que está presente no original." (VENUTI, 1994, p. 19, tradução nossa).

articulado pela poética do desejo, pela pulsação do autor, pelo "rumor da língua", no dizer de Barthes (1988), que se torna linguagem e que se constitui como um processo de maturação anterior à expressão e que deverá desembocar em imagens ou figuras "traduzidas" por vozes múltiplas a evidenciar a polissemia que conduz à disseminação. É o recorte das heranças culturais que produz a recriação, ou a intertextualidade recriada (HUTCHEON, 1980)³.

O mesmo processo, ou quase o mesmo, poderia dizer-se, é o que ocorre com a tradução, como re-leitura/re-escritura - envolvendo tradutor e leitor - que traz nova vida ao texto, assegurando-lhe aquela sobrevida auspiciada por Walter Benjamin, para o qual a tradução possui a missão de cuidar do processo de maturação da língua do original e da angústia do seu próprio nascimento. Parece evidente, pois, que os *Translation Studies* colocam em xeque a existência do original e, conseqüentemente, a supremacia do autor, bem como o enfoque voltado para a LF, que tradicionalmente enfatiza autor e texto original. Octavio Paz já havia exposto a idéia de que a tradução é, por si só, um texto original, ao afirmar que

Cada texto es único y, simultaneamente, es la traducción de otro texto. Ningún texto es enteramente original porque el lenguaje mismo, en su esencia, ya es una traducción: primero, del mundo no-verbal y, después, porque cada signo y cada frase es la traducción de otro signo y de otra frase. Pero ese razonamiento puede invertirse sin perder validez: todos los textos son originales porque cada traducción es distinta. Cada traducción es, hasta cierto punto, una invención y así constituye un texto único. (PAZ, 1980, p. 9)⁴

A visibilidade do tradutor

Esses aspectos conduzem assim a outro viés importante da tradução: a visibilidade/invisibilidade do tradutor. Há uma opinião difundida sobre o fato de que em muitos casos os tradutores precisam adequar-se aos gostos e às "imposições" dos editores⁵ ou às concepções culturais da cultura e da LA, e como conseqüência a presença deles é pouco visível, particularmente na Grã Bretanha e Estados Unidos. Na opinião de Venuti:

A fluent translation is immediately recognizable and intelligible, "familiarized", domesticated, not 'disconcerting(ly) foreign, capable of giving the reader unobstructed "access to great thoughts", to what is "present in the original". (VENUTI, 1994, p. 19)⁶

As observações de Venuti parecem indicar uma domesticação/submissão ditada pela *plain writing*, imposta pela ideologia dominante da cultura estadunidense. Conforme Venuti, essa invisibilidade comporta uma espécie de auto-anulação, reforçando, assim, o papel marginal que, via de regra, a sociedade atribui ao tradutor.

Para Venuti, a invisibilidade do tradutor refere-se a dois aspectos interrelacionados: por um lado existe a reação do leitor à tradução e, por outro, os critérios de produção e de avaliação da obra traduzida. É comum o leitor ler o texto traduzido como se fosse um original, e a idéia corrente é a de que uma tradução aceitável e adequada permite uma leitura fluente. No entanto, há também outro aspecto a ser considerado: o texto traduzido deixa filtrar traços da personalidade e das intenções do autor estrangeiro, ou o significado fundamental do texto original. Em ambos os casos, a presença do tradutor é disfarçada, escamoteada.

Na ausência desses critérios, a leitura é considerada difícil e não satisfaz a demanda de fluência por parte do leitor. No entender de Venuti, o tradutor deve opor-se a esse mascaramento, não só porque ele anula o processo tradutório (como se não existisse), mas também porque convalida e reforça o baixo *status* conferido ao tradutor pela sociedade. É preciso reverter essa invisibilidade, argumenta Venuti, apresentando duas linhas de pensamento interligadas: uma que reconhece na tradução uma produção ativa que, embora apresente forte semelhança com o original, o transforma. A segunda idéia que ele desenvolve relaciona-se com uma técnica de leitura crítica na qual o processo torna-se visível de diversas formas, mesmo para aqueles leitores que desconhecem a língua do texto original. Trata-se de uma descrição da prática tradutória de forma a respeitar a especificidade lingüística do texto traduzido, inserindo-o no contexto de sua produção e, por isso, chegando a violar as regras da LA a fim de que a presença do tradutor, tornada visível, seja percebida pelo leitor do TA.

Reconhecendo sua filiação ao materialismo dialético, formulado por Marx e reinterpretado por Althusser, Venuti entende reformular o nível de profundidade envolvido na tradução e enfatizar o processo decisório da tradução. Embora a idéia da tradução como um processo de profunda transformação do texto estrangeiro certamente não seja nova, afirma Venuti (1986, p. 181-182), só recentemente,

with the dissemination of post-Saussurean linguistic and textual theory [...] this commonplace can be given a rigorous and rather unexpected formulation. [...] The two keys steps in this process - the choice of message and signifying chain - demonstrate the profoundly transformative nature of translation and the active intervention of the translator. Both kinds of choices are in fact interpretations which resist description according to facile notions of linguistic equivalence or sameness between original and translation. As Jirí Levý has argued: "...translating is a DECISION PROCESS: a series of a certain number of consecutive situations - moves, as in a game - situations imposing on the translator the necessity of choosing among a certain (and very often exactly definable) number of alternatives.⁷

Ao defender a visibilidade do tradutor, Venuti postula uma tradução não-domesticada, não-fluente, híbrida, que revelaria o

⁷ "com a disseminação da lingüística pós-saussureana e a teoria do texto, esse lugar-comum pode receber uma formulação rigorosa e bastante inédita [...]. Os dois pontos-chave nesse processo - a escolha da mensagem e a cadeia significante - demonstram a natureza profundamente transformadora da tradução e a intervenção ativa do tradutor. Ambas as escolhas são de fato interpretações que resistem à descrição afinada com as fáceis noções de equivalência lingüística ou identidade entre original e tradução. Como afirmou Jirí Levý: traduzir é um processo decisório: um certo número de situações consecutivas - que movimentam, como num jogo, situações que impõem ao tradutor a necessidade de escolher entre um certo número de alternativas (com frequência perfeitamente definíveis)." (VENUTI, 1986, p. 181-182, tradução nossa).

processo tradutório em seus aspectos intrínsecos. Essa teoria parece válida em termos de reconhecimento do tradutor, contudo a visibilidade não pode ser tão contundente a ponto de dificultar a leitura do TA. Ela parece ser possível sem agressões à LA: trata-se apenas de operar uma cuidadosa filtragem daqueles aspectos relevantes no original que devem ser preservados (ou que o tradutor deseja preservar), conforme postula Lefevere. De qualquer forma, é evidente que, na perspectiva de Venuti, embora o tradutor assuma mais importância, o TF parece também preservar a sua. Trata-se de um enfoque bastante contraditório, se confrontado com outros descritos acima, e bastante polêmico.

Translation studies, pós-colonialismo, informática

Outro aspecto relevante do problema apontado por Venuti, identificado e enfrentado com vigorosa convicção por estudiosos e profissionais da tradução, particularmente na Índia, mas também com força no Brasil, dá conta da posição pós-colonial dos *Translation Studies* que reflete o impacto do pós-estruturalismo e dos estudos literários e culturais num mundo em vias de descolonização, com o conseqüente desafio à hegemonia ocidental na cultura, na linguagem, nas ideologias e nos valores.

A contribuição que o pensamento antropofágico de Haroldo e Augusto de Campos trouxe para a tradução é comparada aos movimentos feministas e assim descrita por Bassnett (1993, p.157-158):

Haroldo and Augusto de Campos use translation as a way of affirming their right as Brazilians to reread and repossess canonical European literature, while the Canadian women see translation as fundamental to their existence as bilinguals and as feminists struggling against phallo/logocentric values. Both groups are concerned to find a translation practice and terminology that will convey the rupture with the dominance of the European heritage even as it is transmitted. In their different ways, one group with the metaphoric language of blood and death, the other with a series of metaphors deriving from the notion of the "mother-tongue", are proposing a post-colonial notion of translation, which contests the old imperialist view.⁸

Nesse tipo de contexto, é lícito pensar que o papel da tradução torna-se importante também politicamente, como instrumento capaz de impedir que se perpetuem as relações desiguais e injustas entre povos, nações e línguas, ao mesmo tempo em que, via tradução, é possível questionar os cânones, os pressupostos culturais que permeiam boa parte das obras escritas na cultura dominante e a própria teoria da tradução, se a presença do tradutor se tornar visível como postula Venuti (SENGUPTA, 1990).

As perspectivas parecem ricas e promissoras para as duas abordagens, a literária e a lingüística, agindo de forma integrada. Os tempos parecem maduros para uma redefinição do campo e dos

⁸ "Haroldo e Augusto de Campos usam a tradução como meio de afirmar seu direito de brasileiros de ler e voltar a possuir a literatura canônica européia, enquanto as mulheres canadenses vêem a tradução como um fato fundamental em suas vidas de feministas e bilingües que lutam contra valores falo-logocêntricos. Ambos os lados estão interessados em encontrar uma prática tradutória e uma terminologia capazes de determinar a ruptura do domínio que vem da herança européia, ainda mais pela forma como ela é transmitida. Em suas diferentes maneiras, um lado através da linguagem metafórica de sangue e morte, o outro através de uma série de metáforas que derivam da noção de língua-mãe, os dois grupos estão propondo um conceito de tradução pós-colonial que contesta a velha visão imperialista." (BASSNETT, 1993, p.157-158, tradução nossa).

objetivos dos *Translation Studies*, principalmente na era eletrônica que está abrindo novos horizontes. Um setor que já se apresenta como uma realidade concreta, conforme Ulrych (1997, p. 244-245), é o dos estudos em *corpora* de formato eletrônico. Os estudiosos da tradução têm atualmente acesso a quantidades maciças de textos informatizados, tanto traduzidos, como diretamente em sua língua-fonte. Utilizando um *software* particular de interrogação, podem estudar os princípios que governam a práxis da tradução em um material muito extenso.

Trabalhando com textos informatizados, foi possível descobrir que alguns traços se relacionam mais com a natureza do processo tradutório do que com o confronto entre dois sistemas lingüísticos específicos, o que representa certamente um grande avanço em relação aos estudos tradicionais, rigidamente pautados em modelos exclusivamente lingüísticos.

Abstract

This article intends to put forward some theoretical positions about literary translation that situates the translational process into a special frame of competences, objectives and purposes, undoing the reproductive characteristics given to it in the past. Moreover, it underlines the autonomy of literary translation and the historical, political and cultural part it plays, being propitious to discuss the Western Canon in a post-colonial context. Another aspect that was focalized is the relevance of the translator's visibility as a cultural mediator.

Keywords: *Literary translation. Translation policies. Translation studies. Translator's visibility.*

Referências

- APEL, Friedmar. L'anelito all'integrazione linguistica. In: _____. *Il movimento del linguaggio*. Tradução Riccarda Novello. Milano: Marcos y Marcos, 1997. p. 187-270. Tradução de: *Sprachbewegung*, 1982.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-78.
- BASSNETT, Susan. From comparative literature to translation studies. In: _____. *Comparative literature: a critical introduction*. Oxford: Blacknell, 1993. p. 138-161.
- _____. *Introduzione critica alla letteratura comparata*. Roma: Lithos, 1996.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre. *Translation, history and culture*. London; New York: Pinter, 1990.
- CHEVREL, Yves. Le traductions: un patrimoine littéraire? *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, Paris, no 3, p. 355-360, mai-juin 1997.
- COELHO, Marcelo. Apresentação. In: VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 9-13.
- DERRIDA, Jacques. *Schibboleth pour Paul Celan*. Paris: Gallimard, 1986.
- HOLMES, J. S. *Translated! : paper on literary translation and translation studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988.
- HUTCHEON, Linda. Narrative narcissism. In: _____. *Modes and forms of narrative narcissism: introduction of a typology*. London; New York: Longman, 1980. p. 203-214.
- MATTHIESSEN, F. O. *Translation: an Elizabethan art*. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- MATTIOLI, Emilio. Prefazione. In: APEL, Friedmar. *Il manuale del traduttore*. Traduzione Gabriella Rovagnati. Milano: Guerini e Associati, 1993. p. 9-14.
- PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets, 1981.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. São Paulo: Pontes, 1989.
- SENGUPTA, M. Translation, colonialism and poetics: Rabindranath Tagore in two worlds. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre. *Translation, history and culture*. London; New York: Pinter, 1990.
- STEINER, George. *After Babel*. New York: Oxford, 1975.
- TOURY, Gideon. Translated literature: system, norm, performance: toward a TT oriented approach to literary translation. *Poetics Today*, Tel Aviv, v.2, no. 4, p. 9-27, Summer/Autumn, 1981.
- _____. Translation, literary translation and pseudotranslation. *Comparison Criticism, Local*, p. 73-85, 1984.

ULRYCH, Margherita. La traduzione nella cultura anglosassone. In: _____. *Tradurre: un approccio multidisciplinare*. Torino:UTET, 1997. p. 213-248.

VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility. *Criticism*, Detroit, v. 28, no. 2, p. 179-212, 1986.

_____. The translator's invisibility: the evidence of reviews. *In other words*, Glendale, Calif., no. 4, p. 16-22, 1994.

_____. O escândalo da tradução. Tradução Stella E. O. Tagnin. *TradTerm*, São Paulo: n. 3, p. 99-122, 1996.